

## **A LUTA PELO PODER NO CONTO NIGERIANO**

### **HOW THE LEOPARD GOT HIS CLAWS DE CHINUA ACHEBE**

SHEILA DIAS DA SILVA LAVERDE\*

**RESUMO:** O objeto de estudos desse trabalho é a obra literária africana *How the leopard got his claws* (1972) 2011 escrita por Chinua Achebe, e John Iroaganachi. Esse conto foi traduzido para o português como *As garras do leopardo* e faz parte do acervo que compõe as caixinhas do “LITERATURA NA HORA CERTA – PNLD/PNAIC - alfabetização na idade certa 2015”, selecionado pelo MEC e chegará às escolas públicas da Educação Básica até o final de 2016. A narrativa se passa numa época não definida, na qual os animais viviam em paz. O rei da floresta, o leopardo era bom e regia seus súditos com sabedoria. Mas dentre os animais havia um, que possuía dentes afiados e era muito ganancioso, o cão. Ele acaba destituindo o leopardo e coloca os outros bichos do seu lado. O rei destituído abandona a floresta e vai em busca de garras e de uma voz poderosa. Retorna e expulsa o cão que com medo foge e pede ajuda ao homem. A partir daí se transforma num animal domesticado. Os animais deixam de ser amigos e o leopardo se transforma num animal assustadoramente selvagem. Pode parecer que este conto se trate de mais uma história etiológica, ou seja, uma história de animais para crianças. No entanto, engana-se o leitor que pense assim. Essa obra vai além de contar uma simples história. É um conto político que traz de forma alegórica um dos momentos mais difíceis e complicados da Nigéria, a guerra de Biafra. Para que se compreenda o conto é necessário conhecer também a história da guerra civil nigeriana. Trabalhar com essa obra em sala de aula permite que as crianças tenham contato com literaturas desconhecidas ou marginalizadas pelos cânones oficializados. Possibilita ainda a construção afirmativa da identidade racial e a valorização da contribuição cultural africana, tendo em vista a importância de se discutir aspectos culturais e históricos deste continente no Brasil, fomentando o pensamento crítico sobre a diversidade de realidades que permeiam nosso cotidiano. Portanto, nosso objetivo é propor novas estratégias de leitura, análise e interpretação dessa obra que auxilie os professores da educação básica em seu manejo com o referido texto. Esta pesquisa se dá pelo viés dos estudos pós-coloniais.

**Palavras-chaves:** história, literatura africana, educação básica, Achebe

### **Introdução**

O nigeriano Chinua Achebe é considerado o pai da literatura africana moderna. *Things fall apart* escrito por ele em 1958 foi o primeiro romance africano de língua inglesa

---

\*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, da Universidade Federal de Mato Grosso, na Área de Concentração em Estudos Literários. Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Literaturas Africanas e Afrodescendentes de Língua Inglesa na Diáspora (LAALID), coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Divanize Carbonieri.

publicado. Ele escreveu uma porção de contos e outros romances. “Achebe fazia parte de um movimento de autores precursores que tinham como objetivo a construção de um referencial literário, produzido por africanos.” (ANCHIETA, 2014 p.12) Antes dele, a literatura que existia era aquela produzida de forma oral e como nos traz Anchieta (2014) ele e os demais escritores de sua geração, definiram um leque maior de possibilidades para as literaturas africanas modernas.

Para o próprio Achebe (2012), “de todas as explosões que sacudiram o continente africano nas últimas décadas, poucas foram tão espetaculares, e tão benéficas, como o surgimento da literatura africana” (ACHEBE, 2012, p. 100). Ele relaciona o desenvolvimento dessas literaturas escritas a uma explosão, justamente porque elas ajudaram a compor o contexto revolucionário de libertação do período de descolonização na maioria dos países africanos. A literatura escrita, sobretudo aquela produzida nas línguas dos ex-colonizadores, serviu como um veículo de disseminação de ideias nacionalistas que contribuíram para a emancipação das ex-colônias da África. Nesse sentido, a literatura africana de língua inglesa, desde o seu início, pertence ao conjunto de textos escritos que chamamos de pós-coloniais.

Ao escrever seus textos, Achebe tenciona mostrar que o vasto arsenal de imagens depreciativas da África, em seu caso específico, da Nigéria, coletadas pelos traficantes de escravos e, mais tarde, pelos colonizadores não correspondia à realidade das sociedades nativas, mas eram apenas visões estereotipadas e degradantes. Seu intuito era trazer à tona uma África que já tinha uma cultura antes da chegada do europeu. Então, ele vai se inspirar nos contos populares da cultura tradicional.

Em 1965, quando sua filha começou a estudar, Achebe (2012) ficou alarmado ao descobrir que os livros que as crianças liam na escola, ainda traziam histórias onde os negros eram vistos de forma estereotipada e sua cultura era tida como primitiva e supersticiosa. Assim, ele, que já era um conhecido escritor de obras literárias voltadas para o público adulto, decide juntamente com seu amigo, o poeta Christopher Okigbo publicar obras infantis. “Sua experiência como pai, mostrou-lhe que ele não podia ignorar as crianças da Nigéria.” (WINTER, 2010 s/n) A primeira delas foi *Chike and the River* (1966) e conta as aventuras do menino que vai estudar na cidade grande.

Aqui, nesse trabalho, trazemos o conto infanto-juvenil *How the leopard got his claws* (2011) que tem como co-autor John Iroaganachi. Na verdade, como nos traz Ariel S. Winter (2010) no início de 1967, quando Achebe e Okigbo, recebiam obras literárias africanas, voltadas para o público infantil, com o intuito de publicá-las, um dos primeiros manuscritos que receberam foi *How the Dog was Domesticated*, escrito pelo reverendo metodista John Iroaganachi e trazia a história do cão que fora domesticado. Na obra de Iroaganachi, este animal era um bom sujeito que foi escravizado, mas Achebe, encantado com esse manuscrito, resolveu reescrevê-lo, transformando na história que analisaremos aqui. Mas, antes de analisá-la, é necessário entender o contexto histórico e político da Nigéria, pois sem essa compreensão, esse conto possa passar despercebido e visto apenas como mais uma história de animais para crianças.

### **Breve panorâmica histórico da Nigéria**

As grandes potências europeias do século XIX, durante o período conhecido como a corrida imperial, dividiram a África, de acordo com seus interesses coloniais. Como nos traz Fanon (2005) a conferência de Berlim rasgou o continente africano em pedaços e o entregou as principais metrópoles, como Inglaterra, França e Portugal. A Nigéria foi um desses pedaços delimitados arbitrariamente e desde aquela época já abrigava centenas de grupos étnicos distintos que possuíam modos de vida completamente diferentes

Como nos informa Oliveira (2014), a população nigeriana é composta por mais de 250 grupos étnicos diferentes, que se dividem em três grandes grupos: os hausa-fulani, os iorubas e os igbos. Os hausas e os fulani vivem predominantemente no Norte e majoritariamente são muçulmanos, representando aproximadamente 29% da população. Já os iorubas, vivem no Sudoeste, e se dividem entre praticantes da religião tradicional o ioruba, cristãos e muçulmanos, constituindo 21% da população; e os igbos, no Sudeste, predominantemente cristãos, representam cerca de 18% da população nigeriana. O restante é formado pelas etnias minoritárias.

Na época da colonização europeia, os hausas viviam numa sociedade quase feudal. As relações sociais se baseavam na obediência a uma autoridade superior que perpassava desde a

um líder tribal que devia obediência ao emir local, esse a um sultão, até ao administrador e esse direito ao cargo era inquestionável. Assim, as pessoas comuns quase nunca se manifestavam e essa comunidade permaneceu praticamente estagnada por muito tempo. Os iorubas também viviam em comunidades governadas por um monarca, mas sua estrutura social era bem menos rígida que a dos hausas. Uma pessoa podia ascender na sociedade ioruba com base nas suas posses e ganhos acumulados com seu trabalho ou por herança. Já os igbos, viviam tradicionalmente em comunidades com democracia direta, ou seja, todo e qualquer homem igbo poderia participar das assembleias que decidiam, pelo voto, a adoção de políticas locais.

Desde aquela época, até os dias atuais, a Nigéria sofre com os conflitos interétnicos. No entanto, o maior evento foi a tentativa de separação do povo igbo, em 1967, com a criação de Biafra, o que não foi aceito pelos demais nigerianos que com o intuito de rever o território perdido, entra em guerra contra a recém emancipada nação, o que gerou um das guerras mais sangrentas e violentas do continente africano, a Guerra de Biafra. Antes de entrarmos propriamente nas consequências desse conflito, precisamos entender o processo que culminou nesse movimento separatista.

Oliveira (2014) nos diz que logo após a Segunda Grande Guerra, o governo britânico, após vários acordos pré-acertados, concedeu independência a Nigéria, em outubro de 1960. No entanto, essa nação estava ainda dividida em três. Os grupos que antes pediam pela independência, agora disputavam pelo poder. Os povos do norte, por terem a maioria dos representantes no parlamento, nomearam seu representante Tafawa Balewa, Primeiro-Ministro.

No entanto, conforme nos conta Oliveira (2014), o governo central, controlado pelos hausa-fulani, começou a minar as forças políticas do sul, acusando seus líderes de corrupção e promovendo prisões e julgamentos particularmente rápidos, para tirá-los do caminho. Um breve sinal de aliança entre o grupo de Balewa e os iorubas foi o sinal para um golpe de Estado em 1966, que, sob a justificativa divulgada de acabar com a corrupção, levou um grupo de militares, a maioria igbo, a controlar o governo central e o judiciário. O poder foi assumido pelo comandante das forças armadas nigerianas, Major General John Aguiyi-Ironsi, uma das lideranças golpistas.

Ele proibiu os partidos políticos, e estabeleceu governantes militares em cada uma das regiões, além de ter abolido o sistema federativo substituindo-o por um sistema unitário, impondo tanto aos militares quanto ao serviço público a integração e a subordinação à administração central. (OLIVEIRA, 2014 p. 234)

Inconformados, um grupo de oficiais do Norte organizou um contragolpe em julho de 1966. Eles capturaram e mataram Ironsi, instituindo o Tenente Coronel Yakubu Gowon. Mas os igbos representados pelo Tenente Coronel Emeka Ojukwu, recusava-se a reconhecer o governo de Gowon. Para Oliveira (2014) após o contra-golpe a situação dos igbos ficou muito preocupante e muitos dos que viviam no norte do país foram presos por autoridades locais e populares, enviados a campos de prisioneiros ou executados sumariamente. Muitos fugiram do norte e reuniram-se no sudoeste do país e decidiram pela proclamação da independência do seu distrito, criando a República de Biafra (em alusão ao Golfo de Biafra, nome alternativo do mar ao sul, parte do Golfo da Guiné), com capital na cidade industrial de Enugu. A consequência foi a guerra.

Para Trevor Rubenzer (2007) o governo central, agora compartilhado por hausa-fulani e ioruba, possuíam um exército três vezes maior e agiu imediatamente e, antes do final de 1967 já tinha Biafra sitiada. O rio Niger estava bloqueado, assim como os portos e estradas e o acesso aos poços de petróleo. Biafra respondeu, chegando a avançar uma coluna até 200 km da capital nigeriana. Mas o abastecimento de alimentos ficou comprometido. Mesmo diante da tragédia humanitária, o governo de Lagos chegou ao extremo de impedir a entrada de ajuda da Cruz Vermelha em Biafra. Ainda segundo Rubenzer (2007) das mais de 3 milhões de pessoas que viviam na região, dois milhões morreram de fome ou doenças provocadas pela desnutrição no decorrer dos 3 anos de conflito. O exército nigeriano queria evitar uma ação direta sobre uma região que pretendia governar em seguida, e deliberadamente deixou que o desabastecimento fragilizasse o inimigo. Para ataques diretos, os nigerianos empregavam mercenários estrangeiros, tática adotada também por Biafra.

Segundo Oliveira (2014) o governo federal nigeriano contava com o apoio da organização da unidade africana (OUA), que havia reconhecido a Guerra Civil como um conflito interno do Estado nigeriano. Ainda recebeu equipamentos e armamentos da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e também contava com o apoio da antiga

metrópole, o Reino Unido. Biafra, por sua vez, como nos traz Rubenzer (2007) precisou investir na diplomacia e conseguiu apoio dos governos da Tanzânia, Gabão, Costa do Marfim e Zâmbia que reconheceram oficialmente o governo de Biafra. Já França, Israel, África do Sul, Rodésia, China, Espanha e Portugal expressaram seu apoio político. Alguns destes países foram mais além e forneceram armas e equipamentos para as forças secessionistas, como França, Costa do Marfim, Gabão, Israel, Espanha, China e Portugal.

Finalmente, em dezembro de 1969, o governo nigeriano lançou uma ofensiva final por terra e pelo mar. O presidente de Biafra, Chukwuemeka Ojukwu, fugiu para a Costa do Marfim e deixou o Major General Phillip Effiong para assinar a rendição. A guerra terminou em janeiro de 1970 com a ocupação militar de todo o distrito e sua reincorporação à Nigéria.

Essa guerra civil durou exatos 30 meses, durante os quais os habitantes de Biafra sofreram um bloqueio econômico e ficaram isolados sem receber mantimentos, medicamentos, etc. “Estima-se que ao menos dois milhões de pessoas tenham morrido nesse combate, tanto devido a guerra, quanto devido às doenças e à inanição.”(ANCHIETA, 2014 p.45)

Achebe e Okigbo residiam em Biafra. Okigbo se juntou ao exército para apoiar Biafra e em setembro de 1967 foi morto. Cabe ressaltar que Achebe era a favor da República do Biafra, a favor, portanto, desse movimento separatista. Ao proclamarem essa nova República, Achebe fazia parte da comissão escolhida para elaborar a constituição. No entanto, como fala Anchieta (2014) no decorrer dos anos de guerra, após perder tantas pessoas queridas, inclusive, Christopher Okigbo e testemunhar os horrores, tais como fome, destruição, violência, “seus textos demonstraram certa descrença nos ideais políticos do conflito.” (ANCHIETA, 2014 p.21) Ele presenciou muita corrupção após o início da guerra, por todos os lados, não só de hausas e iorubás, mas entre os próprios igbos. Nesse conto *How the leopard got his claws* (2011), por exemplo, ele deixa claro sua descrença.

### **O conto de Achebe como reflexo da Guerra de Biafra**

A união ou a desunião é um dos assuntos tratados em *As garras do leopardo* [*How the leopard got his claws*] (2011 [1972]). A história (contada em terceira pessoa) se passa numa

época não definida, na qual os animais vivem em paz. O rei da floresta é o leopardo e rege seus súditos com bondade e sabedoria. “At the time, the animals did not fight one another. Most of them had no sharp teeth or claws. They did not need them. Even King Leopard had only small teeth.”(ACHEBE, 2011 p. 5) Mas há, entre eles, um animal ganancioso, o cão, que é inclusive o único que possui dentes afiados. Por apresentar essa diferença, todos os outros animais zombam dele.

Os animais trabalhavam arduamente na época da colheita e voltavam muito cansados no final do dia e se divertiam contando piadas e bebendo vinho de palma. Mas o tempo das chuvas estava por vir e alguns deles se preocupavam por não terem abrigo. Foi o cervo que levou a questão ao rei e este resolveu reunir todos para discutirem a situação. Quase todos aceitam construir um grande salão para que caibam todos, no entanto, o cão e o pato não aceitam participar da construção, um porque mora numa caverna e o outro porque não tem medo da chuva.

A reunião dos animais pode ser lida como uma alegoria da democracia dos igbos, pois como vimos anteriormente, apenas esse grupo étnico permitia que um aldeão comum sugerisse algo a um rei. Assim, podemos entender ainda que o Rei Leopardo, representaria o povo igbo, o Cão, os hausas porque eram mais os mais fortes, em maior número e representavam o exército nigeriano, o Pato, seria os iorubas, os que pensavam apenas em si próprios.

Mas quando vem a primeira chuva e a caverna do cão alaga, ele é o primeiro a chegar até o abrigo e tenta expulsar todos os animais de lá. O cervo é o primeiro que o questiona e tenta expulsá-lo, mas não tem forças. Ele morde o cervo, jogando-o na chuva, machuca muitos outros animais e toma o salão só para si. O cervo então lamenta-se clamando por seu rei que não estava lá para ampará-los:

“Oh Leopard, our noble king  
Where are you?  
Spotted king of the forest,  
Where are you?  
Even if you are so far away,  
Come – hurry home,  
The worst has happened to us,  
The worst has happened to us,  
The house the animals built,  
The cruel dog keeps us from it.

The common shelter we built  
The cruel dog keeps us from it.  
The worst has happened to us,  
The worst has happened to us” (ACHEBE, 2011 p.19)

Esse trecho foi escrito pelo Okigbo e pode ser entendido como o clamor do povo igbo que perecia nas mãos dos hausas em 1966 e muitos desses foram mortos, outros fugiram e se reuniram aos igbos em sua região natal.

O cervo chorou tão alto que os ventos levaram seu choro até o rei Leopardo que veio socorrê-los, mas como o Cão era mais forte e tinha os dentes afiados, morte o leopardo e o destituiu da liderança. Os animais, vendo a força do cão, desistem de lutar e se aliam a ele. O leopardo, por sua vez, ferido e muito triste parte para longe na tentativa de curar suas feridas. Mas vendo o Cão que o Leopardo se afasta, ele fica preocupado e tenta convencer os animais a irem atrás dele porque temia que outros animais fossem embora.

Esse trecho podemos entender como o momento em que o povo igbo tenta a separação, constituindo uma República independente, mas temendo que houvesse outros movimentos separatistas, eles se unem para derrotar os igbos. Nesse caso, as garras, as unhas e os dentes afiados que o rei Leopardo adquire com o ferreiro podem ser entendidas como as armas que foram dadas a Biafra pelos países aliados. A guerra foi vencida pela Nigéria que retoma o território perdido. No conto de Achebe, o Leopardo vence, expulsa o cão que foge e se entrega como escravo para o homem em troca de proteção. Nesse caso, podemos pensar que esse acordo pode ser visto como acordo que a Nigéria fez com países como URSS e o próprio Reino Unido, inimigo, pois representava quem os havia colonizado.

Os animais nunca mais foram amigos, da mesma forma que a nação nigeriana vive em conflitos até hoje.

### **Considerações Finais**

No decorrer da leitura, percebemos o quanto o trabalho de construção dos animais é duro e difícil, mas eles constroem o abrigo de forma cooperativa enquanto cada um dá o melhor de si. O leopardo percebe o poder do coletivo, talvez por isso mesmo tenta fazer com que os animais juntos expulsem o cão do abrigo. No entanto, embora os animais sejam fortes, o medo dos dentes do cão os deixa amedrontados e acovardados. Percebendo a atitude dos



outros animais, o leopardo parte para curar suas feridas, retornando depois, porém, com uma nova postura atemorizadora. A partir daí, dá-se a inimizade entre os animais. Os fortes passam a devorar os mais fracos. O leopardo ameaça despedaçar qualquer um em que consiga colocar suas garras. O cão corre para o caçador humano e se oferece como escravo em troca de viver a salvo da ira do leopardo. Traíndo seus amigos de outrora, o cão é quem acompanha o caçador pelas florestas de tempos em tempos e entrega a seu amo todos os animais que possa encontrar.

O conto de Achebe apresenta uma esperança no final, a de que talvez um dia os animais voltem a ser amigos novamente. Esse conto, por mais que se pareça com uma fábula, é muito mais que isso. O texto trata da disputa de poder mas pode se ver a organização da sociedade igbo dentro da obra. Não só dos igbos, mas do povo nigeriano.

Acreditamos que estudar esse conto em sala de aula é de grande valia, principalmente porque muitos dos africanos que aqui chegaram como escravos, vieram dessa grande nação nigeriana e mostrar aos nossos alunos, um pouco da tradição e da culturas desses povos, faz com que eles possam verificar que eles possuíam e possuem uma cultura anterior e mesmo diferente, precisa e merece ser vista e respeitada.

## Referências

ACHEBE, C. e IROGANACHI, J. *How the leopard got his claws*. London: Walker Books Limited, 2011 (1976).

\_\_\_\_\_. *As garras do leopardo*. Trad. Érico Assis. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

\_\_\_\_\_. *A educação de uma criança sob o protetorado britânico*. Tradutora: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ANCHIETA, Amarílis Macedo Lima Lopes de Anchieta. *Tongue-tied: traduzindo os contos em guerra de Chinua Achebe*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (POSTRAD) do Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) da Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 2014.

SIMOLA, Raisa. *The Flute, The Drum and How the Leopard Got His Claws* by Chinua Achebe. *Nordic Journal of African Studies* 2(1): 87–99 University of Joensuu, Finland, 1993.

OLIVEIRA, Guilherme Ziebell de. O papel da Guerra de Biafra na construção do Estado nigeriano: da independência à segunda República (1960-1979). In: *Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD*, Dourados, v.3. n.6, jul./dez., 2014 Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/moncoes>> Acesso em: mar.2016.

RUBENZER, Trevor. (2007) Nigeria (1967–1970). In: *DEROUEN, Karl; HEO, Uk. Civil Wars of the world: major conflicts since World War II*. California: ABC---CLIO.

WINTER, Ariel S. Chinua Achebe: How the leopard got his claws. In: *We too were children*, Mr. Barrie. Maio 2010. Disponível em: <<http://wetoowerechildren.blogspot.com.br/2010/05/chinua-achebe-how-leopard-got-his-claws.html>> Acesso em: 15 mar. 2016.